
Materialidades Discursivas: A *fronteira ausente* (um balanço)*

Matérialités Discursives: *La frontière absente* (un bilan)

Maria da Conceição FONSECA-SILVA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (Uesb)

RESUMO

Neste trabalho, chama-se a atenção para o processo de construção e reconstrução do quadro da Análise de Discurso e discute-se o texto **La frontière absente (un bilan)**, através do qual Pêcheux encerra o Colóquio Matérialités Discursives, realizado em 1980 na França, mostrando que os trabalhos apresentados no colóquio apontam uma maneira nova de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação de diferentes disciplinas que se ocupam do discurso: a Lingüística, a História e a Psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE

Epistemologia. Michel Pêcheux. Materialidades discursivas. Discurso.

RÉSUMÉ

*Dans ce texte, toute l'attention est dirigé vers le processus de construction et de reconstruction du cadre de l'Analyse de Discours. Dans ce contexte est discuté le texte **La frontière absente (un bilan)**, par lequel Pêcheux termine le Colloque Matérialités Discursives réalisé en 1980 en France, montrant que les travaux présentés lors de ce Colloque nous entraînent vers une nouvelle manière de travailler les questions des matérialités discursives qui se situent dans l'espace de confrontation des différentes disciplines qui s'occupent du discours.*

MOTS-CLÉS

Epistemologie. Michel Pêcheux. Matérialités discursives. Discours.

* Versão modificada do trabalho apresentado no "I Seminário em Análise de Discurso", realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em novembro de 2003.

** Sobre a autora ver página 97.

Começaremos a nossa reflexão sobre o texto **La frontiere absente (un bilan)** com as seguintes palavras de Malidier (1988, p. 181):

[...] a história da constituição da AD pode, talvez, ser vista como uma amostra da história das ciências dentro de um domínio, onde a ruptura é sempre lugar de recobrimentos.

Essa afirmação nos remete às desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso, configuradas nas três fases apontadas por Pêcheux (1983a).

Sabemos que a primeira fase da Análise de Discurso (doravante AD), marcada pela Análise Automática do Discurso (AAD/1969), apesar de propor aos lingüistas um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor, de pensar a exterioridade no interior do objeto língua, fica restrita a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de ser analisados por uma máquina lógico-semântica, em que o outro se subordina ao mesmo, ou seja, o “outro da alteridade discursiva empírica” é reduzido ao mesmo e o “outro alteridade ‘estrutural’ só é [...] uma diferença entre mesmos” (cf. PÊCHEUX, 1983a, p. 313). As críticas tanto de lingüistas quanto de pesquisadores de outras áreas impulsionaram o deslocamento teórico que resultou em desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da ADD/69.

Em consequência dos questionamentos na ADD/69, surge a segunda fase da AD na França, marcada também pelo dispositivo analítico da “maquinaria-discursivo-estrutural”, mas com deslocamentos, principalmente, no “nível de construção dos *corpora* discursivos”, que deixam de se relacionar entre si pelo efeito de justaposição. Nessa fase da AD, a reconfiguração no quadro teórico é marcada pelo deslocamento e reconfiguração do conceito de formação

discursiva (FD), de Michel Foucault, para fazer funcionar dentro do quadro materialista de (de)subjetivação da linguagem, juntamente com o conceito de formação ideológica (FI). Tal deslocamento colocou em discussão a validade da maquinaria discursiva-estrutural fechada da primeira fase da AD, indicando que as relações entre as “máquinas discursivas estruturais” são relações de forças desiguais, apontando, pois, para uma reavaliação da questão do sujeito e do sentido.

O quadro epistemológico da AD nessa fase, como sabemos, articulou três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a) o Materialismo Histórico; b) a Lingüística; c) e a Teoria do Discurso. A problemática dessa fase, segundo Pêcheux (1983a), decorre da relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de um além exterior e anterior; de o sujeito do discurso continuar sendo concebido “como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva à qual ele se identifica”; enfim, da insistência da alteridade na identidade discursiva que coloca em causa o fechamento desta identidade, da noção de maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva tal como reformulada dentro da AD (cf. PÊCHEUX, 1983a, p. 314-315).

Esses problemas deram impulso a um outro momento, e novas formulações foram postas em jogo para reconfigurar o quadro epistemológico da AD na terceira fase, marcada pela acentuação *do primado do outro sobre o mesmo e pela desconstrução das maquinarias discursivas*.

O início dessa nova fase é marcado pelas dúvidas e incertezas que giram em torno de dois períodos. No primeiro período, entre 1976 e 1977, Pêcheux e os althusserianos conduzem a batalha teórico-política contra o reformismo, como

assinala Malidier (1990). Em decorrência da chegada tardia da Pragmática, da Filosofia da Linguagem, da Análise da Conversação, da crise da Lingüística Formal, do apogeu da Lingüística da Enunciação e da recepção dos trabalhos de Bakhtin na França, no que se refere à Lingüística e ao discurso, novas questões sobre a língua e o sujeito se impõem e as discussões se acentuam em torno das tendências da Lingüística: o *logicismo* e o *sociologismo*. A questão que se recoloca, nesse período, é a necessidade de trabalhar a língua como base comum de processos discursivos diferenciados, sem ceder nem ao logicismo, nem ao sociologismo (cf. SILVA, 2003).

Do interior do marxismo, Pêcheux (1977), numa conferência no México, intitulada **Remontons de Foucault à Spinoza**, inicia o retorno a Foucault e começa a delinear uma nova reconfiguração no quadro da AD, operando o deslocamento das noções de “formas de repartição” e de “sistemas de dispersão” para fazer funcionar, na sua reflexão sobre a categoria marxista da contradição, as noções de “identidade e divisão do sentido do enunciado” e de formação discursiva dividida, não idêntica a si mesma, que se organiza na contradição, etc., anunciando, assim, uma maneira nova de pensar a contradição: a heterogeneidade. Como assinalamos em Silva (2003), essa reflexão permite uma reorientação da problemática das ideologias dominantes, que acontece no interior da AD logo depois de Foucault ter desenvolvido uma crítica sobre a concepção marxista-lenista do poder, sobre a teoria althusseriana dos “Aparelhos Ideológicos do Estado”, postulando que o poder é relacional e que se exerce a partir de inumeráveis pontos, e não só num *locus* privilegiado como o Estado ou as classes dominantes.

No segundo período, entre 1978 e 1989, a crise do marxismo é acentuada, e um novo “inverno político” se delinea. Em **Il n’y a de cause que de ce qui cloche**, Pêcheux (1978) reconhece que a Tríplice Aliança teórica que se configurou sob os nomes de Althusser, Lacan e Saussure, na França, na década de 60, com o objetivo de articular entre si o campo do Marxismo, da Psicanálise e da Lingüística, é problemático. E na tentativa de ajustamento ou de retificação do que escreveu em 1975, afirma que “il faut discerner ce qui cloche, non pour prétendre l’assure ainsi définitivement dans le vrai [!], mais pour essayer devancer autant qu’on le peut vers la justesse”¹ (PÊCHEUX, 1978, p. 267), reconhecendo que algo falhou na relação ao mecanismo ideológico de interpelação-assujeitamento e à Psicanálise (cf. SILVA, 2003).

Nessa fase, destaca-se o trabalho de Marandin (1979) que aponta para uma nova maneira de trabalhar em análise do discurso. A primeira contribuição desse trabalho está relacionada ao deslocamento da noção de formação discursiva como elemento das formações ideológicas, integrada à Teoria do Discurso, para o campo onde Foucault havia formulado: o campo de saberes discursivos. Tal retorno permitiu a reorientação da análise para a singularidade do acontecimento discursivo. A partir de Deleuze, há questionamento sobre a questão da repetição, mostrando a necessidade de refletir o intradiscurso como lugar heterogêneo de rupturas. A noção de heterogeneidade, assim, é introduzida nesse trabalho, fazendo oscilar a noção de intradiscurso, o conceito teórico de *fin do discurso*, na relação com o interdiscurso, e fazendo emergir a questão da discursividade (cf. SILVA, 2003).

O lugar de desconstrução e reconfiguração dessa fase é marcado, entretanto, em 1980, no

¹ “é preciso discernir o que falha não por pretender com isso se amparar definitivamente o verdadeiro [!], mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça”.

Colóquio Matérialités Discursives,² cujas questões são colocadas em torno do real da língua, da história e do inconsciente. Os trabalhos apresentados no colóquio e retomados no texto intitulado **La frontière absente (un bilan)** apontam para uma maneira nova de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação de diferentes disciplinas que se ocupam do discurso: a Lingüística, a História e a Psicanálise.

Nesse colóquio, dois nomes se engajam no terreno da AD: Marandin, por ter aberto possibilidades e ter forçado desbloqueios para a problemática do discurso, por meio de suas referências lingüísticas e filosóficas, que se ancoram fora do marxismo; e Authier-Revuz, que, desde 1978,³ com suas reflexões sobre a questão do sentido e da enunciação, põe em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, apresentando os elementos decisivos para a problemática da *heterogeneidade do discurso outro no discurso do mesmo* (cf. SILVA, 2003).

Em **La frontière absente (un bilan)**, são retomadas discussões de Pêcheux; Courtine e Marandin; Kuentz; Vidal; Conein; Laclau; Guilhaumou e Maldidier; Lecomte; Henry; Gadet; Authier; Haroche; Rey; Davoine e Gaudillère; Gutman e Manier; Culioli, Faye, Rancière, Roudinesco.

Tais discussões giram em torno de algumas problemáticas. Uma delas se refere à ausência de fronteiras entre um interior e um exterior do discurso; do exterior do discurso pensado não

mais como um além de uma fronteira, mas como um alguém sem fronteira assinalável, como presença-ausência do outro no mesmo sentido. A esse respeito são retomadas as noções de fragmentos de um discurso e inconsistência de uma formação discursiva (Courtine⁴); discurso do outro no mesmo (Authier); irredutibilidade da língua no discurso de um sistema conceptual (Rey); domínio ideológico como efeito do interdiscurso no intradiscurso (Courtine e Marandin).

Uma outra problemática diz respeito à leitura como um trabalho de trituração, ou seja, à prática do trabalho sobre os discursos não mais definidos como leitura onde *o ver e o entender* se misturam, mas como trabalho no sentido de trabalho filosófico que se abre ao inconcebível num duplo gesto (Henry): a) conceber o concebível para mostrar o inconcebível, ou seja, regular um sistema e um intradiscurso; b) destruir a homogeneidade dos sistemas e dos intradisursos (cf. CONEIN, B. et al., 1981, p. 200).

Entre as problemáticas apontadas em **La frontière absente (un bilan)**, destaca-se a de pensar o discurso como um acontecimento, como uma irrupção e uma emergência, como acontecimento funcionando como intervenção de um sujeito reformulando a irrupção. A fala aparece como a instância do outro no discurso, no interior do campo mesmo da linguagem, como o que fura a ordem do discurso, anulando todo metadiscurso, tanto no sentido de Vigal, quanto no sentido de Marandin. Ao mesmo tempo, a fala

² Organizado por Bernard Conein, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin e Michel Pêcheux, esse colóquio foi realizado na *Université Paris X, Nanterre*, entre os dias 24 e 26 de abril de 1980 e publicado pela *Press universitaires de Lille*, em 1981. Além dos organizadores, participaram do colóquio Pierre Kuentz, Ernesto Laclau, Jacques Guilhaumou, Denise Maldidier, Alain Lecomte, Paul Henry, Jacqueline Authier, Claudine Haroche, Jean-Michel Rey, Françoise Davoine, Jean Max Gaudillère, Évelyne Gutman, Alain Manier, Antoine Culioli, Jean-Pierre Faye, Jacques Rancière, Elisabeth Roudinesco. As discussões giraram em torno dos temas, a saber: 1) Objeto da Análise de Discurso; 2) Discurso e história; 3) Discurso e lógica; 4) Discurso e Lingüística; 5) Discurso e Psicanálise; 6) Discurso, história e língua.

³ Ver o trabalho da autora *Les formes du discours rapporté: remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés*. DRLAV, Paris, n. 17, p. 1-81, 1978.

⁴ Interessante observar que Courtine (1981) retoma as reflexões de Pêcheux (1977) e propõe a releitura de Foucault para fazer funcionar alguns conceitos que vão redirecionar a Teoria do Discurso. Em seu trabalho sobre o discurso político, toma a categoria de contradição e, a partir da elaboração das noções de enunciado dividido e de sentido dividido, questiona o fechamento de uma formação discursiva, introduzindo a noção de fronteira que se desloca em função dos jogos ideológicos. Dessa forma, a forma-sujeito em seu trabalho aparece como organizando o saber de uma forma discursiva, mas fragmentada, em consequência da dispersão das posições de sujeito em que a forma-sujeito se divide, numa heterogeneidade em relação a ela mesma (cf. SILVA, 2003).

aparece como um jogo de linguagem no limite do silêncio: a fala intempestiva intervém como passagem aforística, trabalhando no discurso filosófico para desconstruir o dogmatismo, como assinala Henry.

O trabalho filosófico, nesse sentido, trabalha a linguagem sob a forma paradoxal: como falar disto que não se pode falar? Esse paradoxo atinge seu ponto máximo no momento em que o simbólico falta; em que o visível de um gesto ou de uma imagem vem provocar a ausência de toda a fala, como salientam Gaudiliere, Manier, Guilhaumou e Maldidier, que reparam a emergência de um lugar enunciativo tomado por Henri Fiszbin, no aparelho e num discurso que repete, mas deslocado do fato mesmo de repetir num lugar outro. Um outro exemplo histórico de intervenção discursiva constitutivo do acontecimento concerne à aparição do lugar enunciativo do porta-voz no curso da Revolução Francesa, como postulado por Conein.

A última problemática manifestada em **La frontière absente (un bilan)** diz respeito à sintaxe entre o impossível e o interdito, ou seja, ao real da língua como o impossível que lhe é próprio,⁵ conduzindo ao questionamento da autonomia da sintaxe em referência à discursividade.

Reafirmamos que as questões em torno do real da língua, da história e do inconsciente, apresentadas no **Colóquio Matérialités Discursives**, em 1980, e retomadas em **La frontière absente (un bilan)**, indicam que, na década de 80, na França, Pêcheux e seu grupo apontam uma nova maneira de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação da

Linguística, da História e da Psicanálise. Essa reconfiguração pode ser percebida, também, em outros trabalhos publicados posteriormente por Pêcheux.

Em **Analyse du discours: trois époques**, por exemplo, o autor afirma que, na terceira fase da AD, são tematizadas as formas lingüístico-discursivas do *discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro [...], as também e sobretudo a insistência de um 'além' interdiscursivo* (PÊCHEUX, 1983a, p. 316-317), cujo controle escapa ao sujeito que se encontra fora das redes de legitimidade.

Em **Sur la (dé) construction des théories linguistiques** e em **Discours: structure ou événement?**, Pêcheux (1982, 1983b) chama a atenção para o estatuto das discursividades como estrutura e acontecimento que entrecruzam proposições de aparência logicamente estável e formulações irremediavelmente equívocas e heterogêneas (materialidades léxico-sintáticas opacas que, imersas em uma rede de relações implícitas, funcionam sob diferentes registros discursivos e com uma estabilidade lógica variável) para mostrar que a Análise de Discurso, na sua relação necessária com a língua, com a história e com o inconsciente, não se institui como uma disciplina de interpretação pelos universos dos campos discursivos estabilizados logicamente, mas pelos universos dos campos discursivos não estabilizados logicamente.

Enfim, as questões apresentadas mostram que o quadro epistemológico da Análise de Discurso se constitui num jogo de dúvidas, desconstruções e reconfigurações e não tem pretensão de dar fim aos conflitos – “a ruptura é sempre lugar de recobrimentos”.

⁵ Conforme a tese de Milner (1979), a língua suporta o real da *lalangue*. Esse termo foi elaborado por Lacan para dar conta do equívoco constitutivo da língua, e, posteriormente, retomado e desenvolvido por Milner em o **Amor da língua**, onde define a articulação do desejo à língua: o impossível de achar, o equívoco, o deslize, a falha e a ambigüidade constitutivos da língua, inscritos na própria língua. O real da língua é, segundo Pêcheux e Gadet (1981, p. 51), atravessado por fissuras, atestadas pela existência do lapso e do *Witz* (cf. SILVA, 2003).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Les formes du discours rapporté; remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. **DRLAV**, Paris, n. 17, p. 1-81, 1978.
- COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, Paris: Larrouse, 62, p. 9-127, 1981.
- COURTINE, J.-J.; MARANDI, J. N. Quel objet pour l'analyse du discours?. In: CONEIN, B. et. al. (Org.). **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 21-33.
- GADET, F.; Pêcheux, M. **La langue introyable**. Paris: Maspero, 1981. 245 p.
- MALDIDIER, D. Éléments pour une histoire de l'analyse de discours em France. In: GUILHAUMOU, J. et. al. (Org.). **Philosophie et Langage**. Discours et archive: expérimentations en analyse du discours. Liège: Mardaga. 1994. p. 173-183. Edição original: 1988.
- MALDIDIER, D. **L'Inquietude du Discours**. Paris: Editions des Cedres, 1990. 336 p.
- MARANDI, J.-M. Problèmes d'analyse du discours essai de description du discours français sur China. **Langages**, Paris, n. 55, p. 17-88, sept. 1979.
- MILNER, J.-C. **O amor da língua**. Tradução de Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 82 p. Edição original: 1978.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Edunicamp, 1995. 317 p. Edição original: 1975.
- PÊCHEUX, M. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. **L'Inquietude du Discours**. Paris: Editions des Cedres, 1990. Edição original: 1977. p. 245-293.
- PÊCHEUX, M. Il n'y a de cause que de ce qui cloche. In: MALDIDIER, D. **L'Inquiétude du discours**. Paris: Editions des Cendres, 1990. Edição original: 1978. p. 261-272.
- PÊCHEUX, M. La frontière absente (un bilan). In: CONEIN, B. et. al. (Org.). **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 197-207.
- PÊCHEUX, M. Sur la (dé) construction des théories linguistiques. In: **DRLAV**, Paris, n. 27, p. 1-24, 1982.
- PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F e HAK, T (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux**. Campinas: Edunicamp, 1990. p. 311-318. Edição original: 1983a.
- PÊCHEUX, M. **Discours: structure ou événement?** Tradução de Eni Orlandi. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990. 68 p. Edição original: 1983b.
- SILVA, M. da C. F. Escola Francesa de Análise de Discurso: construção, desconstruções e reconfigurações. In: _____. **Discursos do cuidado de si e da sexualidade em revistas femininas e masculinas**. 354 p. (Tese de doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 91-134.

Vitória da Conquista, novembro de 2003.

Versão modificada em maio de 2005.

SOBRE A AUTORA

Maria da Conceição FONSECA-SILVA é doutora em Lingüística, na área de Análise do Discurso, pela Unicamp. É professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Lingüísticos (CNPq/Uesb) e do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (CNPq/Uesb). É pesquisadora do Grupo Questões de Teoria e de Análise de Discurso (CNPq/Unicamp). Autora de artigos, entre os quais *Imagem e Publicidade em revistas femininas: a mulher na propaganda de lingeries; Subjetivação em Claudia, Nova e Playboy; Polifonia, nome de autor e questão de autoria; O mesmo e o outro como espaços virtuais de leitura; Pausas em textos orais espontâneos e em textos falados; Discursividade de gênero em Claudia: o mesmo e o outro no caso; A relação do materialismo histórico com a psicanálise e suas implicações para a AD.* Autora dos capítulos de livro *Análise de discurso e o sujeito em sua relação com o saber-poder-ética; Foucault e a arqueogenealogia do sujeito; Polifonia e questão de autoria na constituição dos sentidos.* Autora do livro *Questões de Linguagem: gramática, texto e discurso.*